

O Atalho

J. Roberto Whitaker Penteadó

A lei, em sua igualdade majestática, proíbe a mendicância a pobres e ricos. - Anatole France

Estava em casa de amigos, conversando socialmente sobre o que dizer aos filhos pequenos a respeito de ética. Todos concordavam que se devia passar aos pequeninos a idéia de não roubar, no sentido de não se apropriar do que pertence aos outros, inclusive dinheiro. Alguém levantou a questão da sonegação de impostos. – Não se pode relativizar com as crianças. Como explicar para eles a diferença entre roubar de outra pessoa ou roubar do governo? Definitivamente não. A ética é uma coisa absoluta.

Uma senhora lembrou a história de Robin Hood, especialmente na versão de Walt Disney: - O raposo, tão bonitinho! E a sua namoradinha, tão galante, lady Marian... A concordância foi mais ou menos geral. - Ele roubava dos ricos para distribuir aos pobres. Tinha até um frade, na quadrilha. A tendência caminhava no sentido de justificar Robin Hood para os filhos e netos, até que o Esteves, mais cético, observou: - Qual é a diferença essencial entre Robin e o pivete que assalta o seu filho para roubar o tênis importado? Consternação geral.

Nesses dias tumultuados, imagino que esses papos não lhe sejam totalmente estranhos, caro leitor. Mutatis mutandis, fazem-me pensar no noticiário semanal sobre as aventuras dos sem-terra, em diversos pontos do território nacional, provocando as mesmas reações de perplexidade conceitual naqueles que – como você e eu – insistem em ser exigentes com os próprios neurônios; ou na descrição de um passeio involuntário de um jornalista europeu com um bando de farcs, na floresta amazônica, onde se misturavam traficantes, pobres diabos, idealistas bem-intencionados ou meros bandidos, sequestradores, sem muita noção do sentido de tudo o que se passava.

Mas qual é o sentido de tudo o que se passa?

Bertrand Russell, meu ídolo da juventude, afirmava que a atividade econômica teve início, no planeta, quando os seres vivos começaram a deslocar objetos de um ponto a outro, com objetivos determinados, inclusive de estocagem. Nascia o trabalho (e o capital). Entre os humanos, alguns aprenderam a persuadir outros – através de coação ou persuasão – a fazer o seu trabalho, limitando-se a dar ordens: eram os gerentes e, depois, os capitalistas. Eventualmente, os nobres, os reis, e toda a coorte de manda-chuvas de todos os naipes, raças e religiões que - justa ou injustamente - se apropriaram do que Marx chamou de "mais-valia" – aquele bocadinho a mais produzido pela energia das massas laboriosas, etc, etc... o resto da história mais ou menos todo mundo já conhece.

O insight que me deu entre a conversa na casa dos amigos, sobre ética da propriedade, Robin Hood e o pivete, e os relatos dos sem-terra e dos farcs – e a brilhante simplificação do meu sábio galês – é que boa parte dos problemas sociais (e outros) que enfrentamos depois de algumas dezenas de milhares de anos daquilo que chamam de civilização, deve-se à noção (falsa ou verdadeira) de que – entre a pobreza e a riqueza, a injustiça e a justiça – deva existir, em algum lugar, de alguma forma, um atalho.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=75&ID=453>>. **Acesso em:** 29 jul. 2009.